

**O avanço da economia mineira em terras paulistas:
o município de Franca-SP (1820-1920)**

Lelio Luiz de Oliveira *

Resumo: Este trabalho tem como objetivo demonstrar as transformações das atividades econômicas empreendidas no município de Franca-SP, entre 1820-1920, as formas de acumulação da riqueza pelos proprietários da região, bem como a influência da migração e das práticas mineiras em solo paulista.

Palavras-chave: município de Franca-SP, atividades econômicas, composição da riqueza, influência mineira.

Este artigo sintetiza parte das pesquisas realizadas por este autor, na área de História Econômica, apresentadas na dissertação de mestrado intitulada "*As transformações da riqueza em Franca no século XIX*" e na tese de doutorado "*Ao lado do café: produção de exportação e de abastecimento em Franca (1890-1920)*", sobre parte do Nordeste paulista, referente às práticas econômicas empreendidas, no decorrer do tempo, bem como as formas de acumulação da riqueza pelos proprietários da região.

* Doutor em História pela Universidade de São Paulo - USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH. Professor do Curso de História, da Universidade Estadual Paulista - UNESP - Campus de Franca.

A ocupação do território, onde se localiza o município de Franca - Nordeste paulista, decorreu da ampliação da economia mercantil desenvolvida em Minas Gerais (Martins, 1980) e São Paulo (Petrone, 1968), desde as décadas finais do século XVIII e iniciais do século XIX. Os fazendeiros instalados entre o norte do rio Sapucaí até o rio Grande, criavam e vendiam gado bovino para os boiadeiros mineiros (Chiachiri Filho, 1982).

O território do Nordeste paulista era, no início do século XVIII, terra dos Kayapó (Santos, 1995; Presotto & Ravagnani, 1970). O movimento de populações paulistas rumo a Goiás e, mais tarde, mineiros da Comarca do rio das Mortes, empurrou os indígenas para o Oeste e permitiu o estabelecimento de pousos de tropeiros, atraindo populações dispersas (Chiachiri Filho, 1982).

No sertão e caminho de Goiás (Nordeste paulista) surgiram pequenos e dispersos núcleos de povoamento, compostos pela família, poucos escravos e alguns agregados, que tinham na pousada, na agricultura de sobrevivência e na criação de alguns animais, suas principais atividades econômicas (Chiachiri Filho, 1982, p.87). A parcela de mercantilização devia-se ao fornecimento de alimentos àqueles que trafegavam pela estrada de Goiás. Parte do lucro dos comerciantes e boiadeiros que por ali transitavam ficava nos pousos, onde pagavam por local de dormir, alimentação, bebida e aluguel das invernadas para o descanso dos animais (Prado Júnior, 1987, p.163).

A ocupação mais efetiva e sistemática da região é obra de populações mineiras (Chiachiri Filho, 1982) que, desde os fins do século

XVIII, buscavam novas paradas devido à decadência dos centros de mineração (Furtado, 1985, p.85) e às possibilidades de ampliação das atividades econômicas, destinadas ao abastecimento (Martins, 1980). Os mineiros deslocaram-se da Comarca do Rio das Mortes para São Paulo, vindo estabelecer-se na área entre Franca e Mogi-Mirim. Adotaram a criação de gado bovino como principal atividade econômica, devido às experiências implementadas nas regiões de origem, às condições naturais propícias e às conveniências do mercado (Prado Júnior, 1987, p.198).

Durante o século XIX, na área que compreendia o município de Franca (Nordeste paulista - entre os rios Sapucaí e Grande), assistiu-se à gradativa ampliação de atividades produtivas, voltadas ao mercado. A diversificação dos empreendimentos foi a característica predominante: pecuária e seus derivados, comércio do sal, agricultura para abastecimento local e regional, engenhos de açúcar e aguardente, tecelagem, garimpo e atividades artesanais (selarias e sapatarias) e plantações de café (Chiachiri Filho, 1982; Oliveira, 1997; Tosi, 1998). Assim, economia do Nordeste paulista teve na pecuária seu principal fator de crescimento. Durante o século XIX, exerceu efeito multiplicador através de atividades correlatas. O próximo produto que veio somar aos demais foi o café (Simonsen, 1957).

Tendo em vista o panorama econômico regional, nosso trabalho identificou a distribuição da riqueza entre os proprietários francanos, a partir do levantamento e comparação dos inventários *post-mortem* dos períodos 1820/30 e 1875/85. No primeiro período, a soma dos bens de cada proprietário na sua grande maioria (86,9%) não ultrapassava

quatro contos de réis, sendo que dentre 35% não chegavam a ter um conto. Não foram detectados proprietários com riqueza acima de dez contos. No segundo período, levando em conta a evolução dos preços durante o século XIX (Buescu, 1970; Onody apud Mattoso, 1978), grande parte dos proprietários (64,5%) acumularam riqueza que oscilava entre um e cinco contos de réis. Apenas 9,2% dos proprietários tinham bens que valiam entre seis e dez contos de reis. Contudo, neste segundo período, 26,2% dos proprietários tinham fortuna acima dos dez contos. Dado que caracteriza uma concentração da riqueza (Tabela 1).

Tabela 1
Distribuição da riqueza - Franca-SP - 1820/30 e 1875/85

Contos de Réis	1822/30 % de proprietários	1875/85 % de proprietários
Até 1 conto	35,3	9,2
de 1 a 2 contos	22,6	26,2
de 2 a 3 contos	9,9	15,3
de 3 a 4 contos	19,3	7,7
de 4 a 5 contos	-	6,1
de 5 a 6 contos	6,5	1,5
de 6 a 7 contos	6,5	3,1
de 7 a 8 contos	-	-
de 8 a 9 contos	-	1,5
9 a 10 contos	-	3,1
mais de 10 contos	-	26,2

Fonte: AHMF - Processos de Inventário *post-mortem* - 2º Ofício Cível - cx. 2 a 4 e 27 a 32

O panorama do município em estudo foi amplamente alterado com a cafeicultura comercial. O café, em seu avanço na Província de São Paulo, ocupou, primeiramente, o Vale do Paraíba, chegando depois aos solos férteis do Oeste e do Norte de Campinas (Milliet, 1941; Canabrava, 1971; Stein, 1961; Saes, 1974; Matos, 1974; Dean, 1977; Costa, 1984; Monbeig, 1984; Nozoe & Motta, 1994). Nesse processo, o café teve, nas ferrovias, um parceiro constante: ora a chegada dos trilhos influenciava o

avanço da fronteira agrícola, ora as novas lavouras condicionavam a construção dos ramais (Milliet, 1941, p.22; Matos, 1974, p.14) . Em Franca, a chegada dos trilhos da Mogiana , em 1887, foi responsável pelo plantio do café em larga escala (Tosi, 1998), em parte decorrente da diminuição dos custos de transportes. A cafeicultura, porém, não promoveu a erradicação das atividades tradicionais destinadas ao mercado interno e não gerou um domínio monocultor. O impacto da ferrovia e do café, em Franca, foi no sentido de dinamizar as atividades já desde existentes no período imperial. O novo meio de transporte facilitava o escoamento das safras, dando maior incentivo à produção. As mercadorias, antes carregadas por mulas ou carros de boi, tiveram seus fretes reduzidos e com isso maior competitividade (Mello, 1986, p.80).

No caso de Franca, foi somente a partir de 1870 que as notícias sobre o café ganharam espaço nos jornais da cidade (Lima, 1973), bem como nos inventários *post-mortem*, entre os bens de tradicionais criadores de gado. Na década de 1880, os maiores proprietários de terras ainda não tinham se aventurado a plantar grandes lavouras de café, mantendo a pecuária como atividade principal. Referências a cafezais, neste período, são encontradas em inventários de porte médio, valendo em torno de 10:000\$000. Um exemplo é o de Joaquim Francisco Machado (AHMF-INV-1882), que plantou um *quintal de café*, avaliado, no ano de 1882, em 1:200\$000, que representava 8,58% do total dos bens (13:982\$000). Sabendo-se que o gado deste proprietário tinha o valor de 1:382\$000 (9,8% do total).

Entre 1890 e 1920, com o avanço da cafeicultura, há claro

indicativo do crescimento dessa estrutura produtiva. A maior parte da riqueza permaneceu no campo e a diversificação da produção foi a tônica. Enquanto o comércio dos resultados da produção trazia a riqueza, os bens de raiz guardavam a riqueza. Para proprietários, diante dos reveses do mercado, o imóvel rural era a forma mais sólida de reserva de valor e estabilidade (92,87% dos 750 inventários post-mortem pesquisados, consta imóveis, principalmente rurais).

Em parte do período analisado (1890-1920), o município de Franca, região fronteira, servia de aceiro às formas avassaladoras da cafeicultura monopolista. O processo de modernização do campo foi controlado, ponderado no limiar entre o novo e o velho. *“A mudança é preservada em uma `dialética da duração`, isto é, ela é dialeticamente superada. (...) Mas, enquadrada pela longa duração, a mudança é limitada e não tende à ruptura descontrolada.”* (REIS, 2000, p.19).

A maior parte do patrimônio dos francanos, declarados nos inventários post-mortem, entre 1890 e 1920, constituía-se de imóveis, predominando os imóveis rurais, somados às benfeitorias (Tabela 2). Fazendo uma retrospectiva, esta afirmação demonstra a continuidade da importância do peso dos imóveis na composição da riqueza, pois, na década de 1820 os *bens de raiz* representavam 33% do valor dos inventários, aumentando para 53,4% na década de 1875/85.

Principalmente nos decênios 1890-1920, é inegável o avanço da cafeicultura. As lavouras de café passaram a constituir parte crescente do *monte-mor* dos inventários. Contudo, atingiram, no máximo, a décima parte do total da riqueza, sem abalar o peso da pecuária, como parcela

considerável dos patrimônios (em torno de 4%, conforme as Tabelas 9 a 12).

Tabela 2
Imóveis Rurais e Urbanos
Franca – 1890-1920

Imóveis	Valores totais dos imóveis contidos nos inventários (1.000 réis)	Porcentagem %
Rurais	Terras 6.315:639\$934	65,18
	Benfeitorias 1.091:390\$295	11,26
Total Rural	8.002:298\$606	76,44
Urbanos	1.686:658\$672	23,56
Totais	9.688:957\$278	100,00

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Franca – 750 Inventários *Post-mortem*.

Quem eram os detentores da riqueza? Qual o perfil dos bens? Em síntese, eram donos de terras, de gado e de cafezais. Senhores que não investiam todo o capital em uma única atividade produtiva. Resguardando as tradições e não enveredando pela monocultura, prezando a segurança do patrimônio.

Os proprietários das grandes fazendas eram, ao mesmo tempo, os maiores cafeicultores e os principais criadores de gado. A fortuna, daqueles que concentravam grande parte da riqueza do município (Tabela 3), não vinha de uma única atividade. No inventário dos bens de Fernando Vilela de Andrade (AHMF-INV-1913), cujo valor totalizava 588:282\$109, os imóveis constituíam-se de terras e benfeitorias nas fazendas Alegria, Santa Eugênia e Três Irmãs (105:475\$000), e uma casa na Rua da Estação (15:000\$000). Os imóveis correspondiam a 20,48% do total do processo. A lavoura de café compunha-se de 182.000 pés (199:600\$000), que era a lavoura de maior valor do município, registrada nos inventários de 1890-1920. O gado, principalmente bovino, somava 355 cabeças (26:705\$000). Os carros de boi e carroções contabilizavam

3:900\$000. Por fim era dono de 91 ações da Companhia Francana de Eletricidade (15:900\$000). Deduz-se que Andrade era, também, beneficiador e comerciante de grãos: tinha máquinas de beneficiar café e arroz (24:500\$000) e estocava 9.000 arrobas de café (27:000\$000). Tinha dívida ativa (a receber) no valor de 152:502\$109 (25,92% do inventário). O valor total do inventário de Andrade correspondia a 3,86% daqueles em tramitação, entre os anos de 1890 e 1920. O inventariado era, ao mesmo tempo, um dos maiores produtores de café e criador de gado do município.

Os produtores realizavam investimentos de forma conjunta e interligada, no segmento de exportação (leia-se café), no de abastecimento interno e nas atividades urbanas (Baptista & Fonseca, 1985; Lisboa, s/d.; Franco, 1902; Palma, 1912; Palermo, 1979). Nos inventários *post-mortem*, a combinação mais freqüente de bens era de *imóveis e animais* (21,26%), seguida pela combinação de *imóveis, animais e café* (12,03%). O item *estoques* (café, arroz, feijão e milho) sempre combinava com *imóveis e animais*.

A ampliação das bases econômicas, através dos investimentos realizados, ao mesmo tempo, nas atividades tradicionais e no café, mantinha a diferenciação nos níveis de riqueza, entre os proprietários francanos. O crescimento da cafeicultura não alterou, consideravelmente, a distribuição da riqueza (Tabelas 10 a 12).

Tabela 3
Índice de Gini – Todos os bens dos inventários.

Períodos	Índice de Gini
1890-1900	0,745571
1901-1910	0,684741
1911-1920	0,784433
1890-1920	0,733508

Fonte: AHMF – INV.

Arranjando os valores dos inventários por faixas (Tabelas 3 e 4), a concentração da riqueza assim se revela: poucos (10%) eram aqueles com bens acima dos 50:000\$000; havia o seletto grupo (menos de 5%) dos detentores de somas acima de 100:000\$000; nota-se um grupo significativo com bens entre 10:000\$000 e 20:000\$000; a maioria tinha um patrimônio de até 3:000\$000; mais de 35% dos proprietários possuía bens avaliados entre 1:000\$000 e 5:000\$000; em média 14% tinha até 1:000\$000; enfim, nas três décadas, mais de 90% dos proprietários tinham até 50:000\$000.

A composição da riqueza, que consta nos inventários, descrita em porcentagens, pode ser também visualizada nas Tabelas 4 a 7.

Tabela 3
Distribuição da riqueza (I) – Franca – 1890-1920

Períodos	1890-1900	1901-1910	1911-1920	1890-1920
Valores em mil réis	%	%	%	%
Até 1:000\$000	10,23	18,75	14,99	14,84
De 1:000\$001 a 5:000\$000	35,80	37,50	39,78	38,23
De 5:000\$001 a 10:000\$000	18,19	18,75	13,35	16,05
De 10:000\$001 a 50:000\$000	25,57	20,84	22,34	22,72
De 50:000\$001 a 100:000\$000	5,11	2,08	3,27	3,40
De 100:000\$001 a 500:000\$000	3,98	2,08	6,27	4,63
Acima de 500:000\$000	1,12	-	-	0,26
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: AHMF – INV.

Tabela 4
Distribuição da riqueza (II) – Franca – 1890-1920

Nº de processos	% de proprietários	% da riqueza	Fração
29	3,94%	50,36%	½
60	8,10%	65,92%	2/3
675	87,96%	34,08%	1/3

Fonte: AHMF – INV.

Tabela 5
Distribuição da riqueza (III) – Franca – 1890-1900

Nº de processos	% de proprietários	% da riqueza	Fração
06	3,40%	50,98%	½
15	8,52%	66,38%	2/3
161	91,48%	33,62%	1/3

Fonte: AHMF – INV.

Tabela 6
Distribuição da riqueza (IV) – Franca – 1901-1910

Nº de processos	% de proprietários	% da riqueza	Fração
16	8,24%	50,97%	1/2
27	13,91%	65,29	2/3
167	86,09%	34,71	1/3

Fonte: AHMF – INV.

Tabela 7
Distribuição da riqueza (V) – Franca – 1911-1920

Nº de processos	% de proprietários	% da riqueza	Fração
16	4,40%	51,38%	1/2
27	7,43%	65,27%	2/3
336	92,57%	34,73%	1/3

Fonte: AHMF – INV.

Ana Ludovina de Assumpção (AHMF-INV-1897), que simboliza os maiores produtores do primeiro período (1890-1900), era dona de *terras de cultura e campos na fazenda dos Christaes* (155:089\$000), criava 210 animais (14:759\$000) e cultivava 9.700 pés de café (19:000\$000). O valor total do inventário de Ana Ludovina de Assumpção era de 191:117\$500, incluindo as *benfeitorias* na fazenda (55:089\$000) e os *objetos pessoais* (1:614\$000).

Para o segundo período (1900-1910), destaca-se o inventário de Joaquim Garcia Lopes da Silva (AHMF-INV-1910), instaurado em 1910, nos esclarece, mais uma vez, a diversidade da estrutura produtiva das propriedades. Possuidor de 759 alqueires de terra e benfeitorias nas fazendas Santa Adélia, Buritys e Jaguarão (104:265\$000), mantinha 258 animais (37:615\$000), com destaque para 152 suínos. Cultivava 193.000 pés de café, avaliados em 135:100\$000.

No terceiro período (1911-1920), é representativo o inventário de Domiciano José da Silva (AHMF-INV-1916), que também guardava o modelo produtivo. Proprietário de vasta extensão de terras (1.964

alqueires – 134:680\$000), era negociante de gado de corte, de criar e bois de carro (940 cabeças / 43:160\$000). O cafezal em processo de expansão compunha-se de 197.000 pés (106:000\$000).

Nem todos os proprietários que possuíam terras suficientes eram produtores de café para o mercado. José Heitor de Paula (AHMF-INV-1893), inventariado em 1893, tinha somente 30 pés de café, avaliados em 15\$000 (0,09% do total dos bens), destinados somente para o abastecimento familiar. Possuía *20 alqueires de terra de cultura e 145 alqueires de campo na Fazenda Boa Vista*, onde criava alguns animais (15 bovinos e 2 eqüinos). Plantava roças conforme as descrições do item estoques do inventário: *1 e ½ carro de milho no paiol (125\$000), roça com plantação de milho e arroz (100\$000) e um pequeno quartil de plantação de mandioca (50\$000)*.

Outro exemplo esclarecedor, confirma que a cafeicultura não fincou raízes de forma homogênea no município, é o inventário (de porte médio – 43:430\$000) de Heitor Francisco de Barcellos (AHMF-INV-1914), no qual não consta lavouras de café. Seus bens de raiz, *parte em terras de cultura e um sítio, com uma casa pequena*, foram avaliados em 17:536\$000 (91,43% do total dos bens). Na mesma propriedade as *benfeitorias* foram descritas como *um monjolo e um moinho para milho*, com valor de 405\$000 (2,11%). Bacellos era, também, criador de animais de várias espécies: *um burro, uma vaca, dois bois, dois novilhos, dezessete carneiros e 5 porcos (480\$000 – 2,5%)*. Por fim, *os objetos pessoais*, representavam 3,95% do total (758\$000). Entre estes o que tinha maior valor era *um carro de bois (200\$000) e uma máquina de costura*

(100\$000). Os demais objetos podem ser resumidos em *bancos, banquetas, marquesas, tear, tachos de cobre, mesas, caçarolas, caldeirão e catres*.

Os inventários de menor valor seguiam o padrão: terra, gado e café. Os recursos estatísticos (Roderick, 1983) indicam os inventários representativos. A *média* dos valores dos inventários obtida em todo o período – 1890-1920 – foi de 20:673\$000. Este valor foi variável no decorrer das décadas estudadas. Na primeira década – 1890-1900 - era de 24:360\$167, recuando sensivelmente no período intermediário – 1901-1910 – para 11:167\$255, passando a ser de 23:903\$701 no decênio 1911-1920. Na década inicial e final os valores ficaram próximos à média geral.

Os bens do inventário de José Agostinho de Freitas (AHMF-INV-1904), de 1904, enquadram-se no perfil dos valores médios: 20:723\$000. Os *bens imóveis* eram *uma parte de terras na Fazenda Bom Retiro (10:000\$000) e um terreno de dois alqueires (200\$000)*, além de *3 casas de morada (6:700\$000)*. Estes bens representavam 81,55% do total. O inventariado era possuidor de *5.000 pés de café (2:000\$000 - 9,65%)*. Além dos imóveis tinha, também, 28 cabeças de gado, que somadas valiam 1:245\$000 (6,00%). O item de menor valor era dos *objetos pessoais*, que foram anotados no preço de 578\$000 (2,78%).

Pela *mediana* as variações dos valores foram menores se compararmos com a *média*, já apresentada. A *mediana* para todo o período ficou em 4:467\$500, portanto, semelhante aos valores dos decênios.

Um inventário, com valor próximo ao acima citado, é o de Izoldina Carolina de Jesus (AHMF-INV-1916), de 1916, onde consta *uma gleba de*

terras (3:000\$000) e uma casa de morada com benfeitorias (1:500\$000), no valor total de 4:500\$000.

Os valores que mais predominaram nos inventários – *valor moda* – foi crescente. No primeiro período – 1890-1900 – era de 400\$000, subindo para 1:000\$000 na década seguinte – 1901-1910, atingindo 1:500\$000 no período final – 1911-1920. No entanto o valor que predominou nas três décadas foi 2:000\$000. É preciso esclarecer que havia somente 2,03% (15) de processos com este valor. Um inventariado que se enquadra neste valor é o de Bernardo Thomaz Villela (AHMF-INV-1920), dono de um imóvel rural com *2,5 alqueires de terra (1:600\$000) e uma casa de morada (400\$000)*. A mediana e a moda ficaram muito abaixo dos valores médios, o que evidencia, mais uma vez, a presença de poucos proprietários detentores de grande parte da riqueza.

Tabela 8
Valores dos Inventários

	1890-1900	1901-1910	1911-1920	1890-1920
Valor total	4.287:389\$374	2.155:280\$212	8.772:658\$299	15.215:327\$884
Maior valor	924:937\$878	170:678\$000	426:550\$000	924:937\$878
Menor valor	17\$000	32\$000	70\$000	17\$000
Média	24:360\$167	11:167\$255	23:903\$701	20:673\$000
Mediana	5.925\$750	3:700\$000	4.400\$000	4:467\$500
Moda	400\$000	1:000\$000	1:500\$000	2:000\$000
Desv. Padrão	74:934\$614	21:787\$116	62:210\$308	58:483\$383

Fonte: AHMF –INV.

De forma geral, ao considerarmos todos os valores constantes nos inventários *post-mortem*, no período estudado - 1890-1920 – constata-se, como dito anteriormente, que, a maior parte (9.688:957\$278), referia-se aos *imóveis* (rurais e urbanos). Deste total, a grande maioria 76,44% (8.002:298\$606), era referente a *imóveis rurais* (incluídas as *benfeitorias*),

e o restante aos imóveis urbanos (1.686:658\$672 – 23,56%). A segunda maior fatia devia-se às *lavouras de café*, cujos valores somados atingiam 9,38% do todo (1.631:349\$237). Valor este pouco inferior aos *imóveis urbanos*. Os *animais*, de toda espécie, criados nas propriedades rurais contribuíam com 3,69% dos bens dos inventariados (642:001\$000). Os *estoques*, principalmente de cereais, participavam com 0,87%% do total quantificado (151:044\$728). Os *objetos pessoais* equivaliam a 1,63% (282:079\$502) do valor de todos os bens. Era considerável a porcentagem correspondente ao *dinheiro* (moeda circulante), que chegava a ser de 1.332:453\$368 (7,67% da riqueza). As *dívidas ativas e passivas* eram equivalentes. A primeira (*a receber*) somava 2.082:711\$148 (11,97%), enquanto que a segunda (*a pagar*) eram de 2.178:519\$565 (12,52)%. A diferença entre ambas em valores monetários era de 95:808\$417, a favor das dívidas passivas (Tabela 9).

Tabela 9
Composição da riqueza – Franca - 1890-1920

Itens dos Inventários	Valores	Porcentagens
Imóveis	8.002:298\$606	46,00
Lavouras de café	1.631:349\$237	9,38
Benfeitorias	1.091:390\$295	6,27
Animais	642:001\$000	3,69
Estoques	151:044\$728	0,87
Objetos Pessoais	282:079\$502	1,63
Dinheiro	1.332:453\$368	7,67
Dívidas Ativas	2.082:711\$148	11,97
Dívidas Passivas (-)	2.178:519\$565	12,52
Total Líquido	15.215:327\$884	100,00

Fonte: AHMF – INV.

Tabela 10
Composição da riqueza – Franca - 1890-1900

Itens dos Inventários	Valores	Porcentagens
Imóveis	1.962:516\$465	42,61
Lavouras de café	226:852\$400	4,93
Benfeitorias	143:688\$776	3,12
Animais	153:969\$000	3,34
Estoques	22:162\$051	0,48
Objetos Pessoais	112:582\$072	2,45
Dinheiro	811:516\$810	17,62
Dívidas Ativas	854:101\$799	18,54
Dívidas Passivas (-)	318\$229\$630	6,91
Total Líquido	4.287:389\$374	100,00

Fonte: AHMF – INV.

Tabela 11
Composição da riqueza – Franca – 1901-1910

Itens dos Inventários	Valores	Porcentagens
Imóveis	1.241:157\$000	51,36
Lavouras de café	225:747\$237	9,34
Benfeitorias	131:857\$790	5,46
Animais	132:857\$000	5,50
Estoques	88:652\$034	3,67
Objetos Pessoais	74:995\$853	3,11
Dinheiro	58:593\$940	2,42
Dívidas Ativas	201:419\$358	8,33
Dívidas Passivas (-)	261:603\$012	10,83
Total Líquido	2.155:280\$212	100,00

Fonte: AHMF – INV.

Tabela 12
Composição da riqueza – Franca - 1911-1920

Itens dos Inventários	Valores	Porcentagens
Imóveis	4.798:625\$141	46,27
Lavouras de café	1.178:749\$600	11,37
Benfeitorias	815:843\$729	7,87
Animais	355:175\$000	3,43
Estoques	40:230\$643	0,38
Objetos Pessoais	94:501\$577	0,91
Dinheiro	462:342\$619	4,46
Dívidas Ativas	1.027:189\$990	9,90
Dívidas Passivas (-)	1.598:686\$923	15,41
Total Líquido	8.772:658\$299	100,00

Fonte: AHMF – INV.

Durante o século XIX, a acumulação da riqueza em Franca, nesse contexto, ocorreu em larga medida, pela ocupação e uso da terra com objetivo mercantil, tendo a pecuária e seus derivados como atividades predominantes. Porém, entre os anos de 1890 a 1920, em Franca, os fazendeiros da região, assimilaram com parcimônia o empreendedorismo dos paulistas, sem relegar o comedimento das tradições mineiras. A cafeicultura, novo centro dinâmico, veio postar-se ao lado da pecuária, que permaneceu com características semelhantes às do século XIX, ou seja, o gado de corte para vender, o gado de criar para a economia da casa, e os bois de carro para transportar os produtos e arar a terra. Além disso, criava-se suínos para o consumo e venda da carne e do toucinho. Ao mesmo tempo em que brotavam os novos cafezais, produzia-se, também, para comercializar, o arroz, o milho e o feijão. A produção atendia o consumo doméstico, a demanda da cidade em crescimento populacional e

os mercados regionais, estes através da ferrovia. Os produtores rurais – de pequeno, médio e grande porte – tiveram o cuidado de não investir todos seus recursos em uma única atividade. Distanciando-se do modelo monocultor, combinando os investimentos em imóveis [rurais e urbanos], gado e cafezais.

Título: The advance of Minas economy in the northeast of the state of São Paulo, Brazil; a study about the city of Franca-SP (1890-1920).

Abstract: This assignment has as a purpose to show the changes of economic activities performed in the city of Franca - SP, between 1820-1920, also the ways of accumulating wealth by the property owners in the region as well as the influence of migration and the activities from Minas performed in São Paulo.

Keywords: city of Franca -SP, economic activities, wealth acquisition and the influence from Minas Gerais.

Abreviaturas

- AHMF - Arquivo Histórico Municipal de Franca "Capitão Hypólito Antônio Pinheiro".
- INV - Inventários *post-mortem*.

Fontes Manuscritas

- 846 Inventários (Partilhas) *post-mortem* - 1º e 2º Ofícios Cível.
- 2.190 escrituras de *compra e venda* - 2º Ofício Cível.

Fontes publicadas

BAPTISTA, Antônio José & FONSECA, Paulo Delfino da (orgs.)

Almanak da Província de São Paulo para 1873. São Paulo: Imprensa Oficial, 1985 (Edição facsimilar).

FRANCO, M. (org.). *Almanack da Franca para 1902*. São Paulo: Duprat, 1902.

LISBOA, José Maria. *Almanack litterario de São Paulo para 1879*. São Paulo: Museu Paulista, [s/d] (Edição facsimilar).

PALMA, Vital (org.). *Almanack de Franca (1912)*. São Paulo: Salesianas, 1912.

Teses e Dissertações

COSTA, Hernani Maia. *As barreiras de São Paulo: estudo histórico das barreiras paulistas no século XIX*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1984. 243p. Dissertação (Mestrado em

História)- Universidade de São Paulo, 1984.

LIMA, Sílvia Maria Jacintho. *Transformações na pecuária bovina paulista: o exemplo da região de Franca*. Franca: 1973. Tese (Doutorado em Geografia)- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca, 1973.

MARTINS, Roberto Borges. *Growing in silence: the slave economy of nineteenth - century Minas Gerais, Brasil*. Nashville: Vanderbilt University, 1980.

OLIVEIRA, Lelio Luiz de. *As transformações da riqueza em Franca no século XIX*. Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 1995. 214p. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Estadual Paulista, 1995.

_____. *Ao lado do café*. Produção de exportação e de abastecimento em Franca - 1890-1920. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2003. 251p. Tese (Doutorado em História Econômica)- Universidade de São Paulo, 2003.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. *As ferrovias em São Paulo: Paulista, Mogiana e Sorocabana*. São Paulo: Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis, 1974. Tese (Doutorado em Economia)- Universidade de São Paulo, 1974.

TOSI, Pedro Geraldo. *Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945)*. Campinas: Instituto de Economia, 1998. 276p. Tese (Doutorado em História Econômica)- Universidade de Campinas, 1998.

Referências Bibliográficas

BUESCU, M. *História econômica do Brasil: pesquisas e análises*. Rio de Janeiro: APEC, 1970.

CANABRAVA, Alice Piffer. A grande lavoura. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (coord.) *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Monárquico. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

CHIACHIRI FILHO, José. *Do sertão do rio Pardo à Vila Franca do Imperador*. Ribeirão Preto: Ribeira, 1982.

DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 20.ed. São Paulo: Nacional, 1985.

MATOS, Odilon N. *Café e ferrovias*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1974.

MATTOSO, Kátia M. Q. *Bahia: a cidade de Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1978.

MILLIET, Sérgio. *Roteiro para o café e outros ensaios*. 3.ed. São Paulo, 1941.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros em São Paulo*. Trad. Ary França, Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

NOZOE, Nelson & MOTTA, José Flávio. Pródomos da acumulação cafeeira paulista. *Seminário permanente de estudos da família e da população no passado brasileiro*. IPE/USP. Abril de 1994.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *A lavoura canavieira em São Paulo:*

expansão e declínio. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 20.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRESOTTO, Zélia & RAVAGNANI, Oswaldo. Dados históricos e arqueológicos dos primeiros habitantes do Nordeste paulista. *Boletim de História e Ciências correlatas, Franca, ano 2, n.4, 1970*.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales. A inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RODERICK, Floud. *Métodos quantitativos para historiadores*. Versión española de Jaime García-Lombardero y Viñas. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

SANTOS, Wanderley. *O índio na história de Franca*. Franca: Prefeitura Municipal de Franca, 1995.

SIMONSEN, Roberto. *História econômica do Brasil: 1500-1820*. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1957.

STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência no Vale do Paraíba, com referência especial ao município de Vassouras*. São Paulo: Brasiliense, 1961.